

MERCADO DE TRABALHO

PNAD COVID-19 – Divulgação de 14/8/2020 – Principais destaques

Sumário

- De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Covid-19 referente à semana de 19 a 25 de julho, a maioria dos indicadores do mercado de trabalho mostrou **relativa estabilidade** em comparação com a semana anterior. Na média do mês de julho, o quadro geral do mercado de trabalho apresentou **deterioração** em relação a junho.
- A **taxa de desocupação** atingiu 13,7% na semana de referência, maior nível observado na pesquisa até o momento. Na média de julho, a taxa foi de 13,1%, acima do observado em maio (10,7%) e junho (12,4%).
- O **nível da ocupação** apresentou estabilidade em relação às semanas anteriores, situando-se em 47,7% e fechando a média de julho em 47,9% - nível inferior ao registrado em maio (49,7%) e junho (49%).
- A **taxa de participação na força de trabalho** foi de 55,3%, mantendo-se *estável* em relação à semana anterior (55,2%). Após ter aumentado entre maio (55,6%) e junho (56%), a taxa de participação voltou a cair na média do mês, atingindo 55,1% em julho.
- Entre as pessoas não ocupadas que não procuraram emprego, mas afirmaram que gostariam de trabalhar, a **parcela que não procurou trabalho por conta da pandemia** foi de 66,1%, pouco abaixo do valor registrado na semana anterior (66,4%). Essa proporção, que havia caído de 70,1% para 66,7% entre maio e junho, mostrou pequeno *aumento* em julho (67%).
- O **número de pessoas ocupadas, mas temporariamente afastadas do trabalho devido ao distanciamento social**, continuou em *queda*. Esse número, que foi, em média, 15,8 milhões em maio (18,7% do total de pessoas ocupadas) e 11,8 milhões em junho (14,2% do total), caiu para 5,8 milhões na semana de referência e atingiu, na média de julho, 6,8 milhões de pessoas (8,4% do total de ocupados).
- Dentro do total das pessoas ocupadas e não afastadas do trabalho, a **parcela de pessoas que trabalharam de forma remota** foi de 11,5%. Essa proporção vem *caindo* lentamente desde o início da pesquisa, tendo passado de 13,3% na média de maio para 12,7% e 11,7% em junho e julho, respectivamente. Nas últimas três semanas, contudo, essa proporção tem se mostrado relativamente estável.
- O número de **pessoas ocupadas trabalhando presencialmente** atingiu 64 milhões, levando a média de julho a 63,3 milhões e continuando a trajetória de *elevação* em relação a maio (56,7 milhões) e junho (60 milhões).
- A **taxa de informalidade** das pessoas ocupadas foi de 33,5%, mantendo-se estável em relação à média do mês de julho (33,6%) e *abaixo* das médias de maio e junho (34,7%).

Maria Andreia Parente Lameiras
Técnico de Planejamento e Pesquisa da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea.

maria-andreia.lameira@ipea.gov.br

Marco Antônio F. de H. Cavalcanti
Diretor Adjunto da Dimac do Ipea

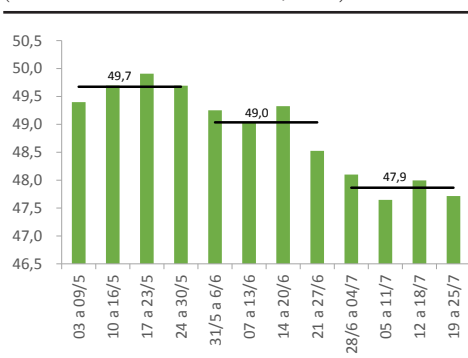
marco.cavalcanti@ipea.gov.br

Divulgado em 14 de agosto de 2020.

Os indicadores do mercado de trabalho referentes à semana de 19 a 25 de julho da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Covid-19, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – 12a semana da pesquisa – apresentaram relativa estabilidade em comparação com as semanas anteriores. O quadro adverso causado pela pandemia do SARS-CoV-2 continuou a ser caracterizado por baixos níveis de ocupação e participação na força de trabalho, elevada taxa de desocupação e grande contingente de pessoas temporariamente afastadas do trabalho devido ao distanciamento social. Apesar de os indicadores econômicos mais recentes apontarem para uma recuperação mais rápida da atividade do que a prevista inicialmente, os efeitos adversos da crise no mercado de trabalho tendem a persistir durante algum tempo. Evidentemente, na medida em que a evolução da Covid-19 permita a continuidade do processo de retorno gradual a algum tipo de normalidade no funcionamento das atividades econômicas no Brasil, parece razoável esperar que as condições do mercado de trabalho voltem a melhorar aos poucos. É difícil, porém, prever durante quanto tempo a difícil situação do mercado de trabalho perdurará. Conforme já ressaltado em notas anteriores da *Carta de Conjuntura*, é certo que o quadro socioeconômico continuará apresentando enormes desafios para as autoridades econômicas ao longo dos próximos meses. Diante das restrições impostas pela precariedade das contas públicas no país, as autoridades econômicas deverão buscar um ritmo adequado de transição das medidas excepcionais de política voltadas para a preservação de empregos, renda e produção – que têm se revelado fundamentais para atenuar os impactos econômicos e sociais da crise – para um regime de política que continue a prover assistência aos mais necessitados, mas seja fiscalmente sustentável.

O número de pessoas ocupadas alcançou 81,2 milhões na semana de referência e 81,5 milhões na média de julho, mantendo a trajetória de queda em relação a maio (84,4 milhões) e junho (83,4 milhões). Entre a 1a semana de maio e a 4a semana de julho houve redução de 2,8 milhões de pessoas ocupadas (-3,3%). O nível da ocupação (razão entre o número de pessoas ocupadas e o número de pessoas de 14 anos ou mais de idade) apresentou estabilidade em relação às semanas anteriores, situando-se em 47,7% e fechando a média de julho em 47,9% – nível inferior ao registrado em maio (49,7%) e junho (49%). O gráfico 1 apresenta a evolução do nível de ocupação ao longo das doze semanas da pesquisa.

GRÁFICO 1
Nível da ocupação
(Valores semanais e média mensal, em %)



Fonte: PNAD Covid-19/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

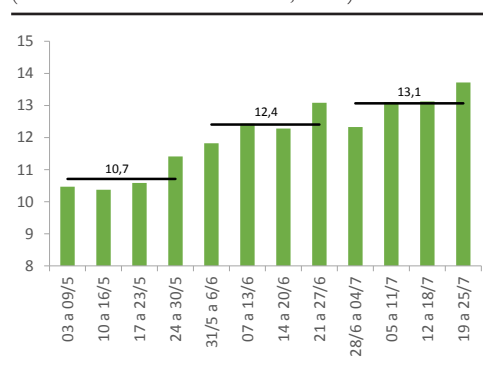
Conforme destacado em notas anteriores, a ocupação em queda é compatível com o fato estilizado de que os efeitos de retrações do nível de atividade impactam o mercado de trabalho de forma defasada. Assim, o recuo da população ocupada em junho e julho refletiria a forte retração da atividade econômica observada nos meses anteriores.

É possível que parte da queda da população ocupada em julho seja explicada pela transição para o desemprego ou para fora da força de trabalho de pessoas que inicialmente se mantiveram ocupadas mas estavam afastadas do trabalho por conta da pandemia. Essa hipótese poderá ser analisada quando os microdados referentes a julho forem disponibilizados. Em caso de comprovação dessa hipótese, seria razoável imaginar que, nas próximas semanas, parte das pessoas atualmente ocupadas, mas afastadas do trabalho, transitaria para o desemprego ou para fora da força de trabalho, reduzindo ulteriormente o nível da ocupação. Contudo, o escopo para esse tipo de pressão sobre a ocupação vem caindo substancialmente. De fato, o número de pessoas ocupadas, mas temporariamente afastadas do trabalho devido ao distanciamento social, apresenta forte tendência de queda. Esse número, que foi, em média, 15,8 milhões em maio (18,7% do total de pessoas ocupadas) e 11,8 milhões em junho (14,2% do total), caiu para 5,8 milhões na semana de referência e atingiu, na média de julho, 6,8 milhões de pessoas (8,4% do total de ocupados).

A queda do número de pessoas ocupadas foi o principal fator de expansão da taxa de desocupação, que foi de 13,1% em julho, acima do observado em maio (10,7%) e junho (12,4%). Na semana de 19 a 25 de julho, a taxa de desocupação atingiu 13,7%, maior nível observado na pesquisa até o momento (gráfico 2).

GRÁFICO 2
Taxa de desocupação

(Valores semanais e média mensal, em %)

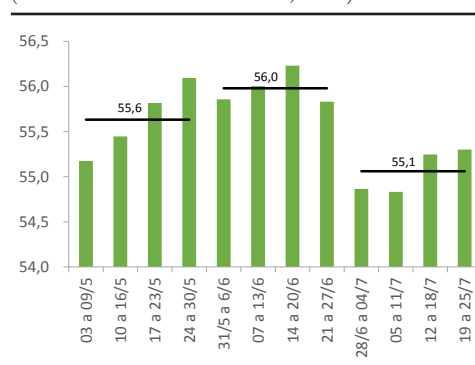


Fonte: PNAD Covid-19/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 3
Taxa de participação

(Valores semanais e média mensal, em %)



Fonte: PNAD Covid-19/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Cabe observar que a taxa de desocupação poderia ter sido maior, não fosse o comportamento recente da taxa de participação na força de trabalho. Essa taxa foi de 55,3% na semana de referência, mantendo-se estável em relação à semana anterior (55,2%). Após ter aumentado entre maio (55,6%) e junho (56%), a taxa de participação voltou a cair na média do mês, atingindo 55,1% em julho. Esse movimento pode refletir, pelo menos parcialmente, o efeito renda positivo associado ao auxílio emergencial – que pode ter levado algumas pessoas a reduzirem sua oferta de trabalho –, mas muito provavelmente é um sinal de que as condições do mercado de trabalho não apresentaram melhora em julho.

É razoável esperar que, com a continuidade do processo de recuperação do nível de atividade, e na ausência de novas restrições ao funcionamento das atividades econômicas em decorrência da pandemia, o nível de ocupação possa reagir nos próximos meses, mas a taxa de desocupação se mantenha em patamar elevado,

pressionada por um movimento de retorno à força de trabalho de uma parte de trabalhadores que deixou de procurar emprego por conta da crise e do distanciamento social. Apesar de não ser possível inferir tendências a partir de número tão reduzido de observações, vale notar que nas últimas duas semanas a participação na força de trabalho voltou a aumentar. Será importante acompanhar esse indicador nas próximas semanas, a fim de avaliar se o movimento de recuperação da força de trabalho – e, portanto, de pressão sobre a desocupação – já começou.

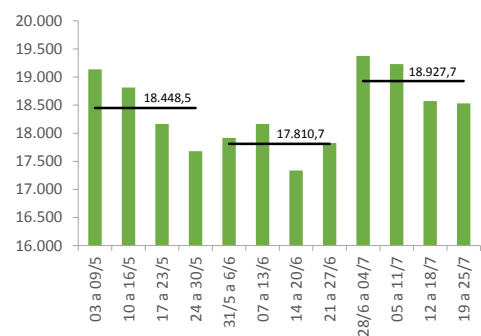
Em algumas dimensões, há sinais de retorno gradual a algum tipo de “normalidade” no mercado de trabalho. Isso pode ser visto, por exemplo, nos números de trabalhadores afastados das suas ocupações por conta do distanciamento social e de pessoas ocupadas trabalhando presencialmente. O número de pessoas ocupadas, mas temporariamente afastadas do trabalho devido ao distanciamento social, continuou em queda, conforme já observado. O número de pessoas ocupadas trabalhando presencialmente, por sua vez, atingiu 64 milhões, levando a média de julho a 63,3 milhões e continuando a trajetória de elevação em relação a maio (56,7 milhões) e junho (60 milhões). Em relação aos ocupados em teletrabalho, nota-se que, em julho, houve pequena queda deste contingente de trabalhadores, cujo montante passou de 8,7 milhões em maio para 8,4 milhões em julho.

No entanto, o número de pessoas não ocupadas que não procuraram emprego por conta da pandemia, que havia caído entre maio e junho, aumentou em julho (gráfico 4). De fato, do total de pessoas fora da força de trabalho que afirmaram que gostariam de trabalhar, a parcela que não procurou trabalho por conta da pandemia, que havia caído de 70,1% para 66,7% entre maio e junho, mostrou pequeno aumento em julho (67%). Vale notar, porém, que nas últimas duas semanas essa parcela parece ter retomado a tendência de queda. Ressalta-se, uma vez mais, a impossibilidade de inferir uma tendência clara a partir dessas observações, mas cabe notar que a queda recente no número de pessoas que gostariam de trabalhar, mas não procurou emprego por conta da pandemia, é compatível com o aumento da força de trabalho no mesmo período.

GRÁFICO 4

Não ocupados que não procuraram trabalho por conta da pandemia ou por falta de trabalho na localidade, mas que gostariam de trabalhar

(Valores semanais e média mensal, em 1.000 pessoas)

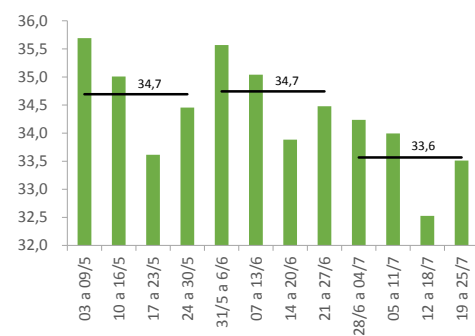


Fonte: PNAD Covid-19/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 5

Proxy da taxa de informalidade

(Valores semanais e média mensal, em %)



Fonte: PNAD Covid-19/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Por fim, em relação à informalidade, os dados recentes indicam que vem recuando a parcela de trabalhadores sem vínculo empregatício no total da ocupação. Em maio, na média, 34,7% dos ocupados eram informais, enquanto, em julho, esse percentual recuou para 33,6% (gráfico 5). Esse movimento pode estar associado ao fato de que as medidas de isolamento social afetaram com menor intensidade o setor industrial e da construção civil – que são importantes contratantes de mão de obra com carteira –, relativamente ao setor de serviços. Contudo, vale destacar que a maior preservação do trabalho formal durante a pandemia está ligada ao peso dos empregados do setor público no total de ocupados.



Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac)

José Ronaldo de Castro Souza Júnior – Diretor
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti – Diretor Adjunto



Grupo de Conjuntura

Equipe Técnica:

Estêvão Kopschitz Xavier Bastos
Leonardo Mello de Carvalho
Marcelo Nonnenberg
Maria Andréia Parente Lameiras
Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa
Paulo Mansur Levy
Sandro Sacchet de Carvalho

Equipe de Assistentes:

Ana Cecília Kreter
Augusto Lopes dos Santos Borges
Felipe dos Santos Martins
Felipe Moraes Cornelio
Felipe Simplicio Ferreira
Leonardo Simão Lago Alvite
Marcelo Lima de Moraes
Mateus de Azevedo Araujo
Pedro Mendes Garcia
Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério da Economia.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.